

DA PEDAGOGIA ÀS PRÁTICAS SOCIAIS: uma breve reflexão sobre a teoria dos multiletramentos

FROM PEDAGOGY TO SOCIAL PRACTICE: a brief reflection on the multiliteracies theory

LA PEDAGOGÍA A LAS PRÁCTICAS SOCIALES: breve reflexión sobre la teoría de los multiletramientos

 Paulo Alexandre Filho¹

 Claudineia Peres Bertaglia²

 Daniela Nogueira de Moraes Garcia³

1. Possui graduação em Letras - Alemão pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho - UNESP - Câmpus de Assis. Mestrado em Letras, na área de concentração de Linguagens e Letramentos, pela UNESP - Câmpus de Assis. Atualmente, professor efetivo do Quadro de Magistério, na Secretaria Estadual de Educação - SP, para o componente curricular de Língua Portuguesa. Doutorando em Educação pela Faculdade de Filosofia e Ciências, UNESP - Câmpus de Marília. E-mail: p.alexandre@unesp.br.
2. Mestre em Letras pelo programa de mestrado profissional (ProfLetras) - UNESP, câmpus de Assis (2020). Graduada em Letras pela Associação de Ensino Superior de Osvaldo Cruz - FEOCRUZ (2004). Especialista em Língua Portuguesa pelo programa Rede São Paulo de Formação Docente (REDEFOR) pela instituição de ensino UNICAMP (2011). Graduada em Pedagogia pela Universidade Anhanguera - UNIDERP (2013). Professora de Educação Básica II (titular de cargo) de Língua Portuguesa e atualmente ocupa a função de Professora Coordenadora do Núcleo Pedagógico (PCNP), para o componente curricular de Língua Portuguesa na Diretoria de Ensino da Região de Adamantina, Estado de São Paulo, trabalhando com formação de professores e professores coordenadores (PCs). E-mail: claudineia.bertaglia@gmail.com.
3. Livre Docente em Língua Inglesa pela UNESP. Doutora em Estudos Linguísticos pela UNESP/ São José do Rio Preto (2010). Mestre em Letras pela UNESP/ Assis (2003). Graduou-se em Letras pela UNESP/ Assis (1997). Atualmente, é professora junto ao Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Ciências e Letras, UNESP, Campus de Assis onde atua em nível de Graduação (Licenciatura em Letras) e de Pós-Graduação (Mestrado Profissional em Letras- ProfLetras). É docente e orientadora, também, junto Programa de Pós-Graduação em Educação da UNESP/ Marília. E-mail: daniela.nm.garcia@unesp.br.

RESUMO: Este ensaio tem como objetivo refletir sobre a Pedagogia dos Multiletramentos a partir de suas contribuições para o processo de formação e empoderamento dos estudantes de Educação Básica. O aumento vertiginoso das linguagens, gêneros e suportes midiáticos impactaram sistematicamente nas relações sociais e nos modos de compreender a realidade, promovendo a ascensão de um *ethos* fluido, disruptivo e digital. Dessa forma, aspectos atrelados ao processo de ensino e aprendizagem, bem como o papel social das instituições de ensino, precisam ser trazidos para o campo da discussão. Para este trabalho, optamos por uma metodologia qualitativa de cunho bibliográfico e como subsídio teórico, amparamo-nos em Kalantzis *et al.* (2020), Ribeiro (2021) e Rojo (2018).

Palavras-chave: multiletramentos; ensino e aprendizagem; *ethos*; empoderamento.

ABSTRACT: This essay aims at reflecting on the Multiliteracies Pedagogy from its contributions to the Basic Education student's formation and empowerment. The vertiginous increase of languages, genre, and mediatic support has impacted social relations and the way reality is understood, promoting the rise of a fluid, disruptive, and digital ethos. Therefore, aspects that are linked to the teaching/learning process as well as the social role of teaching institutions that need to be brought to discussion. In this study, we present qualitative bibliographic research based on Kalantzis *et al.* (2020), Ribeiro (2021) and Rojo (2018).

Keywords: multiliteracies; teaching and learning; *ethos*; empowerment.

RESUMEN: Este ensayo tiene como objetivo reflexionar sobre la Pedagogía de los Multiletramientos desde sus aportes al proceso de formación y empoderamiento de los estudiantes de educación primaria. El vertiginoso aumento de los lenguajes, géneros y soportes multimedia impactan sistemáticamente las relaciones sociales y formas de entender la realidad, promoviendo la ascensión de un *ethos* fluido, disruptivo y digital. Así, es necesario traer al campo de discusión aspectos vinculados al proceso de enseñanza y el aprendizaje, así como al rol social de las instituciones educativas. Para este trabajo, optamos por una metodología cualitativa de carácter bibliográfico y como fundamento teórico, nos apoyamos en Kalantzis *et al.* (2020), Ribeiro (2021) y Rojo (2018).

Palabras-clave: multiletramientos; enseñanza-aprendizaje; *ethos*; empoderamiento.

Recebido em: 22/03/2022

Aprovado em: 14/08/2022



Todo o conteúdo deste periódico está licenciado com uma licença Creative Commons (CC BY-NC-ND 4.0 Internacional), exceto onde está indicado o contrário.

Introdução

A Pedagogia dos Multiletramentos surgiu no final do século XX, nos Estados Unidos, como um manifesto proposto por um grupo de pesquisadores intitulado *The New London Group (NLG)*. *A priori*, *A pedagogy of multiliteracies: designing social futures* teve como objetivo trazer à tona as novas demandas sociais e comunicativas, que intermediadas pela linguagem, precisavam integrar os currículos oficiais das instituições de ensino. Diante de uma sociedade cada vez mais tecnologicizada, percebeu-se que esses artefatos deixaram de ser apenas ferramentas utilitárias, típicas de ações do cotidiano, tornando-se instrumentos responsáveis pelas transformações de comportamentos, relações e comunicação.

As mudanças de mundo, outrora atreladas às máquinas, começam a migrar para uma sociedade imersa em contextos digitais, em que as relações passam a se constituir sob mediação da virtualidade. Para Lévy (1999, p. 11), “[...] o crescimento do ciberespaço resulta de um movimento internacional de jovens ávidos para experimentar, coletivamente, formas de comunicação diferentes daquelas que as mídias clássicas propõem.” Nesse sentido, quando pensamos no manifesto do Grupo de Nova Londres (GNL), constatamos a relevância desses estudiosos como marco divisor dos estudos da linguagem no campo educacional, pois não se trata apenas de reconhecer, simplesmente, a existência de outras maneiras de se produzir sentido, mas sim legitimar sujeitos sociais, que oriundos de uma nova realidade, pensam e concebem a realidade à sua volta de modo diferente.

Assim, observamos a migração de uma sociedade totalmente grafocêntrica para uma sociedade “*multi*”, ratificando a necessidade de se voltar para modelos semióticos até então pouco valorizados pelas instituições de ensino. Não se trata de anular ou contestar o signo verbal, pelo contrário, trata-se de buscar a articulação viável e necessária entre a palavra escrita e as outras semioses que estão no dia a dia da população como, por exemplo, o som, o movimento, o ícone etc. As mudanças que se operam na comunicação são de natureza “macro”, pois a digitalidade constitui-se como elemento preponderante para a replicação, elaboração e apropriação de linguagens também de natureza “multi”, ou seja, emergem-se as multissemioses que inseridas em contexto de virtualidade passam a integrar o ato comunicativo entre os pares.

Dessa forma, podemos falar de uma cibercultura, uma vez que as relações, a partir do século XXI, tornam-se virtualizadas e, na maioria das vezes, mediadas pela interface de computadores, *tablets* e *smartphones*. De acordo com Lévy (1999, p. 17), “[...] ‘cibercultura’ especifica aqui o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço.” Logo, o fato dessa cibercultura atrelar-se a um contexto “ciber” evidencia que as tecnologias digitais de informação e comunicação (TDIC) são as principais responsáveis pelo surgimento de uma nova maneira das pessoas se organizarem e se relacionarem.

Delors (1998, p. 64) afirma que “esta revolução tecnológica constitui, evidentemente, um elemento essencial para a compreensão da nossa modernidade, na medida em que cria formas novas de socialização.” Portanto, as inovações, que se operam na área da tecnologia, articulam-se, fundamentalmente, à ascensão de um paradigma de mudanças, sobretudo, sociais. Nesse sentido, resgatar a Pedagogia dos Multiletramentos, pensando em seu processo de elaboração e disseminação nas concepções teórico-metodológicas, na Educação Básica, vislumbrando seus encaminhamentos e potencialidades para o futuro, é de extrema importância neste momento em que as escolas passam por inúmeros desafios.

Constatamos que as escolas durante muito tempo se prenderam ao cânone e à tradição pedagógica perpetuados em diferentes épocas, ora mais arrojado, ora mais voltado para a formação de trabalhadores, deixando de lado as diferentes linguagens que se materializam em práticas sociais concretas, com sujeitos

sociais que enunciam aquilo que pensam a partir de um repertório típico de sua identidade, cultura e vivência. Bourdieu (1998, p. 41) adverte que “é provável por um efeito de inércia cultural que continuamos tomando o sistema escolar como um fator de mobilidade social, segundo a ideologia da escola libertadora, quando, ao contrário, tudo tende a mostrar que ele é um dos fatores mais eficazes de conservação social.”

Conforme supracitado, este trabalho tem como objetivo refletir sobre a Pedagogia dos Multiletramentos a partir de suas contribuições para o processo de formação e empoderamento dos estudantes de Educação Básica. Para este trabalho, optamos por uma metodologia qualitativa de cunho bibliográfico uma vez que esta reflexão “é fundamentalmente interpretativa. Isso significa que o pesquisador faz uma interpretação dos dados” (CRESWELL, 2007, p. 186) e, ao mesmo tempo, “é construída a partir dos dados obtidos nas obras selecionadas, conforme a metodologia proposta e baseada no referencial teórico construído para a pesquisa” (LIMA; MIOTO, 2007, p. 43) e, como subsídio teórico, amparamo-nos em Kalantzis *et al.* (2020), Ribeiro (2021) e Rojo (2018).

Este ensaio está dividido em em três partes, sendo elas: i) Escola e práticas sociais no século XXI: o que esperar das agências de (multi)letramentos?; ii) Multissemióticas, novos paradigmas na construção de sentidos: o surgimento de um *ethos* digital; e iii) O futuro de uma pedagogia: teoreticismo?. A seguir, iniciamos nossa reflexão sobre o tema, conforme destacado anteriormente, em que resgatamos, brevemente, a história do letramento no Brasil, chegando à Pedagogia dos Multiletramentos, bem como a responsabilidade social da escola no processo de multiletrar.

Escola e práticas sociais: O trabalho com a Pedagogia dos Multiletramentos no século XXI

Para refletirmos sobre a Pedagogia dos Multiletramentos na atualidade, antes de mais nada, precisamos resgatar sucintamente os primeiros estudos acerca da teoria do letramento no Brasil. Hoje em dia, muito se fala a respeito da necessidade de se promover o ensino da língua materna, partindo da concepção de letramento. Grande parte dos educadores já se apropriou ou, ao menos, já não estranha quando se depara com esse termo nos livros didáticos, matrizes curriculares ou cursos de formação.

Contudo, a presença do letramento na Educação Básica surge a partir dos estudos de Soares (2009) e Kleiman (2005). Partindo de uma perspectiva voltada para o uso social da linguagem escrita, as pesquisadoras trouxeram à tona a urgência de se estabelecer relação direta entre percepção de linguagem e compreensão de mundo. Nesse sentido, compreendemos que o letramento constitui-se como estratégia teórico-metodológica salutar para o processo de ensino independente do componente curricular, podendo ser escopo da aprendizagem da matemática, da história etc. Ao tratar do assunto, Soares (2009, p. 40) revela que “um indivíduo alfabetizado não é necessariamente um indivíduo letrado [...] já o indivíduo letrado [...] é não só aquele que sabe ler e escrever, mas aquele que usa socialmente a leitura e a escrita, pratica a leitura e a escrita, responde adequadamente às demandas sociais de leitura e de escrita.”

Quando se fala acerca do letramento, bem como de suas possibilidades de abordagem durante o processo de ensino e aprendizagem, somos levados a perceber a importância do trabalho com a língua subsidiado por uma concepção maior e mais valorativa como, por exemplo, um projeto de letramento, que para Kleiman (2000, p. 238), trata-se de “um conjunto de atividades que se origina de um interesse real na vida dos alunos e cuja realização envolve o uso da escrita, isto é, a leitura de textos que, de fato, circulam na sociedade e a produção de textos que serão realmente lidos, em um trabalho coletivo de alunos e professor, cada um segundo sua capacidade”.

Desse modo, percebemos que a concepção de letramento, desde seus primórdios aqui no Brasil, já toca em aspectos extremamente relevantes se o confrontarmos com a noção de alfabetização amplamente

divulgada nos anos iniciais. Sendo assim, a ação de “letrar” constitui-se não apenas como apropriação do código pelo falante, como também pelo manejo dessa ferramenta em diferentes situações de uso conforme se exige quando inseridos em práticas sociais. Por conseguinte, se pensarmos na Pedagogia dos Multiletramentos, associando-a aos estudos desenvolvidos por Soares (2009), precursora no assunto aqui no Brasil, chegamos à conclusão de que “multiletrar” não se trata de nada que fuja ou extrapole demasiadamente os limites do letramento, tendo em vista que diante de uma realidade digital outras formas de produzir sentido surgiram e necessitam estar presentes nos currículos e/ou manuais de educação.

Rojo e Moura (2019, p. 16) observam que “numa sociedade urbana moderna, as práticas diversificadas de letramento são legião. Por isso, o conceito passa para o plural: letramentoS.” O surgimento de uma sociedade em que os meios tecnológicos tornam-se indispensáveis para a realização de coisas comuns do dia a dia, que vão do simples acessar das redes sociais até a realização de um *pix* pelo aplicativo do banco, a comunicação, por sua vez, não poderia passar incólume por tais transformações. As autoras ainda nos definem multiletramentos como “[...] um conceito bifronte: aponta, a um mesmo tempo, para a diversidade cultural das populações em êxodo e para a diversidade cultural das populações em êxodo e para a diversidade de linguagens dos textos contemporâneos.”

A Pedagogia dos Multiletramentos assume, na atual conjuntura, status de teoria legitimadora da cultura marginal, em que novos suportes, além do livro e da lousa, passam a ter reconhecimento valorativo perante a tradição. Destacamos, também, a ascensão de gêneros multimodais que sem a existência da digitalidade não poderiam existir e/ou alcançar as potencialidades de linguagem, tão comuns na virtualidade das telas e hipermídias. Assim, a linguagem, até então unimodal e unilateral, transfigura-se em instrumento dotado de multissemioses capazes de revelar muito além da linearidade do signo verbal.

Falamos, até aqui, de uma capacidade de linguagem que reconhece outros níveis mais profundos do processo de construção do sentido. Se pensarmos na leitura e na escrita, até duas décadas atrás, não imaginávamos que a democratização das tecnologias digitais de informação e comunicação poderiam atingir níveis tão surpreendentes. Claro que não descartamos as singularidades, principalmente, as de níveis socioeconômicos, que muita das vezes, tornam-se entraves para o processo de expansão das ferramentas tecnológicas entre toda a população. Todavia, a realidade nos mostra que independente da posse desses artefatos, todos nós recorremos a esses utensílios em vários momentos de nossas vidas.

Para Castells (1999, p. 414), “[...] a cultura é mediada e determinada pela comunicação, as próprias culturas, isto é, nossos sistemas de crenças e códigos historicamente produzidos são transformados de maneira fundamental pelo novo sistema tecnológico e o serão ainda mais com o passar do tempo.” Sendo assim, compactuamos com a ideia de que os avanços empreendidos nos mais diversos segmentos da tecnologia corroboram as exigências de um ensino e aprendizagem que se volta para as transformações de mundo mais recorrentes da atualidade em se tratando da produção e veiculação de informações repletas de linguagens híbridas, virtualizadas e polivalentes.

Novos paradigmas na construção de sentidos: o surgimento de um *ethos* digital

O conceito de *ethos* surge na Grécia antiga com o filósofo Aristóteles, podendo ser compreendido como autorretrato discursivo, em que o enunciador ao produzir e materializar seu discurso busca construir sua imagem enunciativa a partir de sua intencionalidade naquele momento. A construção dessa imagem, por ora, trata-se de um recurso, não apenas estilístico, mas também argumentativo, uma vez que além de enunciar, trava-se também uma luta por alcançar seus intentos por meio da linguagem. Logo, o que determina o *ethos* é o processo de enunciação, pois, à medida que o enunciador produz seu discurso, seu *ethos* vai se construindo e se articulando face ao interlocutor.

Assim, o *ethos* se constitui, portanto, na apresentação de si efetuada pelo locutor em seu discurso. Quando falamos em apresentação de si, não estamos dizendo que o locutor enumere suas qualidades, nem que fale explicitamente de si; mas sim que ele represente seu estilo, suas crenças, suas competências linguísticas e enciclopédicas na relação que estabelece com seu dizer. (FIORINDO, 2012, p. 8)

As considerações tecidas acima reforçam a concepção de responsabilidade linguístico-enunciativa. Entendemos esse conceito como uma espécie de filtro por onde nosso discurso passa, moldando-se aos princípios de ética, valor e cultura. Muito além de nossas intenções, as (multis)semioses também se articulam ao signo verbal, podendo reforçar, expandir ou distorcer os sentidos de um enunciado. Entendemos, neste momento, que o poder (multis)semiótico, em tempos de digitalidade, potencializou-se de tal forma que podemos usar todos esses recursos tanto a nosso favor quanto desfavor, já que nem sempre o produto final da articulação entre diferentes linguagens resulta naquele sentido que pretendíamos construir.

Dessa forma, percebemos que as instituições de ensino, em virtude da carga de responsabilidade com que produzimos conteúdos nas redes, principalmente, as sociais, precisam implementar a Pedagogia dos Multiletramentos associada à noção de *ethos*. Muitos educadores articulam seu trabalho à perspectiva de (multi)letramentos, contudo é necessário, além de promover um trabalho associado à valorização e ao reconhecimento de novas linguagens, propiciar também momentos de reflexão sobre o processo de construção de nossa imagem na virtualidade e se esse *constructo* está em consonância com os Direitos Humanos, princípios éticos etc.

As demandas que emergiram no século XXI trouxeram para as instituições de ensino novas exigências no trato da aprendizagem. Compreendemos esse processo como natural e inerente às últimas transformações, sobretudo, no campo científico-tecnológico, conforme apontado anteriormente. Todavia, ainda assistimos a escolas que ainda se apegam ao modelo tradicional em que o cânone constitui-se, única e exclusivamente, como fonte de acesso ao conhecimento e construção de habilidades preponderantes para os sujeitos em situações de práticas sociais.

Os tempos de hoje revelam a fluidez, as incertezas e a instantaneidade das informações. Desse modo, o ensino e aprendizagem precisam estar alinhados com a disruptividade de uma era notavelmente tecnologizada e marcadamente virtual. De acordo com Lévy (1993, p. 7), "as relações entre os homens, o trabalho, a própria inteligência depende, na verdade, da metamorfose incessante de dispositivos informacionais de todos os tipos." As tecnologias digitais de informação e comunicação abriram espaço para o fortalecimento de novos recursos semióticos que, analisados em uma perspectiva sócio-histórica, comprovam a relação entre tempo, linguagem e realidade.

De acordo com Kenski (2007, p. 15), " desde o início dos tempos, o domínio de determinados tipos de tecnologias, assim como o domínio de certas informações, distingue os seres humanos. Tecnologia é poder." Quando vista por esse prisma, percebemos até que ponto a linguagem associada ao uso das tecnologias pode integrar ou segregar determinados grupos, conduzindo-os a uma espécie de segregação ou ostracismo. A seguir, discutiremos, dentro do que nos permite a ciência e as pesquisas mais atuais, a relação entre multiletramentos, avanços tecnológicos e possibilidades de empoderamento a partir de abordagens teórico-metodológicas que valorizam a existência das multissemioses, bem como sua circulação em meios digitais.

O futuro de uma pedagogia: o que esperar das agências de (multi)letramentos?

A escola, enquanto espaço de formação e principal agência de (multi)letramento(s), detém grande responsabilidade na elaboração, articulação e disseminação da ação de letrar. Nesse sentido, acreditamos que as teorias acerca do processo de ensino e aprendizagem possam colaborar com os novos percursos educacionais exigidos diante das novas demandas do século XXI e, principalmente, em virtude do contexto de pandemia que, repentinamente, acelerou a implementação de mudanças até então vistas como objetivos a serem alcançados a longo prazo.

Independente dos últimos acontecimentos, o que podemos afirmar é que as escolas e os profissionais de educação, diante dos desafios muito frequentes no cotidiano das instituições de ensino, estão tendo a oportunidade de evoluir a passos largos. Todas as situações até então vivenciadas na educação não se aproximam da atual conjuntura, em que o uso das TDIC e a busca pela formação continuada se mostram como possibilidades de minimizar os transtornos em razão da implementação às pressas do modelo remoto de aprendizagem. Garcia (2020, p. 43) observa que “[...] as tecnologias passaram a se constituir sustentáculos na educação, assumindo o protagonismo para viabilizar ações em muitos contextos e trazendo desafios para escolas, professores e alunos diante de improprietárias reconfigurações.”

Ressaltamos que uma prática pedagógica desenvolvida à luz da perspectiva da Pedagogia dos Multiletramentos não necessariamente precisa passar pela utilização das tecnologias digitais. Todavia, sabemos que, em razão da pandemia de COVID-19 e, também, dos avanços desses recursos, o processo de sistematização das abordagens de conteúdos e habilidades, no momento atual, torna-se mais coerente sob o ponto de vista da realidade quando aproximamos os objetos de conhecimento das situações de práticas sociais. Assim, acreditamos que os multiletramentos estejam plenamente alinhados com as necessidades vigentes do contexto dos alunos, dos professores e da realidade que os circunda. De acordo com Rojo e Moura (2019, p. 24), “nessa nova acepção, o termo ‘letramento’ embutido no conceito de multiletramentos abre cada vez mais espaço aos conceitos de mídia e de modalidade de linguagem, ganhando mais força, neste caso, o prefixo *multi*.”

Para Ribeiro (2009, p. 32), “[...] quando a escola admite que é necessário levar para dentro de seus muros as práticas da sociedade, desenvolver nos alunos o senso crítico, trabalhar com textos de circulação social [...] os ‘muros’ da escola, que a isolam do ‘mundo lá fora’, podem ser mais frágeis e leves.” A desconstrução de paradigmas, principalmente, na área educacional torna-se salutar e, desse modo, pensamos que não se trata de refutar a tradição, as metodologias ou os objetos do conhecimento, mas sim de promover um contexto integrador, em que o tradicional e o contemporâneo possam estabelecer uma espécie de parceria em prol da formação dos jovens em meio a uma sociedade moderna, fluida e tecnologizada.

O fato das instituições de ensino serem reconhecidas como agências de letramentos faz com que a responsabilidade social torne-se ainda maior, uma vez que delas emanam grande parte do conhecimento formação dos jovens. Quando observamos o caminho percorrido pela teoria dos letramentos, constatamos que nunca se falou tanto sobre a relação entre práticas sociais e apropriação da língua materna. Isso, a nosso ver, deve-se, não apenas ao aprofundamento dos estudos acerca do tema, como também das necessidades impostas pela atualidade em que todos precisam dominar minimamente as ferramentas de linguagem para que possam efetivamente intervir na realidade e se fazer atuante em situações de práticas sociais.

Quanto ao uso recorrente da palavra "letramento" nos mais diversos contextos de ensino e aprendizagem, Geraldi (2014, p. 27) observa que "esta expansão do emprego da palavra e a dubiedade de seus sentidos me levaram a considerar que o letramento é um conceito gaseificado, recoberto uma gama

tal de fenômenos, que o tornam epistemologicamente problemático. " Entendemos que o fato do termo ter se tornado muito comum entre educadores e pesquisadores, pode ter contribuído para que a essência da teoria possa ter se desarticulado da ideia inicial acerca do uso "efetivamente social da palavra escrita", conforme já mencionamos aqui. Porém, acreditamos que isso não possa ser levado em conta a ponto de desconsiderarmos ou minimizarmos a potencialidade de uma teoria amplamente difundida nos últimos tempos.

Para Kalantzis *et al.* (2020, p. 22), "o processo de alfabetização hoje precisa ser sábio mente complementando por uma aprendizagem sobre o design multimodal de textos [...] é preciso aprender a navegar pela miríade de diferentes usos da linguagem em contextos diversos." Dessa forma, o ponto crucial da discussão está na compreensão de transformações de mundo e de linguagem que ora sinalizam o caminho por uma via, ora por outra. Isso quer dizer que a Pedagogia dos Multiletramentos deve ser tomada como única alternativa para se trabalhar com uma concepção multilíngue e multicultural?

A nosso ver, tomar a Pedagogia dos Multiletramentos como única possibilidade de se abordar as diferentes linguagens que permeiam e/ou constituem as práticas sociais atuais seria limitar o campo de visão ou boicotar a expertise dos educadores. O que estamos buscando aqui é, justamente, apontar os múltiplos caminhos, partindo-se da concepção de (multi)letramentos que pode subsidiar a prática de ensino e aprendizagem independente do componente curricular.

Considerações finais

Muito tem se falado acerca da Pedagogia dos multiletramentos como subsídio teórico mais viável para conduzir o trabalho com a linguagem, independentemente, do componente curricular. Muitos dos aspectos trazidos à tona neste breve ensaio se articulam às práticas sociais envolvendo falantes da língua, prestigiando as vivências e o repertório sociocultural das camadas sociais menos favorecidas. Logo, concebemos as transformações de mundo como aspectos catalisadores de linguagens que surgem para atender demandas que as novas formas de comunicação nos impõem.

A multiculturalidade não se trata de fenômeno novo, tampouco específico de uma única região ou grupo social. Pelo contrário, o advento das tecnologias digitais impactou toda a população mundial, desafiando a cultura canônica de modo a alcançar seu espaço de destaque. Isso pode ser visto, quando os usuários de smartphones conseguem se comunicar por mensagens de voz ou de texto independentemente da posição geográfica onde estão. É fato que os recursos tecnológicos promoveram ao longo da História mudanças significativas e pontuais sob o ponto de vista da comunicação e das relações sociais.

Neste ensaio, trouxemos a Pedagogia dos Multiletramentos para discussão/reflexão no afã de demonstrarmos o quão necessário se faz a inserção da multiculturalidade na escola e isso se dá, eficazmente, por meio do reconhecimento das multissemieses e multimodalidade como aspectos inerentes à contemporaneidade. Novas linguagens legitimam a evolução da sociedade, bem como novos paradigmas sociais que precisam ser reconhecidos pela escola do século XXI. Nesse sentido, entendemos que as práticas sociais da atualidade ao serem contempladas pela educação formal, sobretudo a de nível básico, demonstram que as instituições de ensino podem e devem estabelecer pontes com o mundo para além dos muros da escola.

Referências

- BOURDIEU, P. **Escritos de Educação**. Petrópolis: Vozes, 1998.
- CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- CRESWELL, J. W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. Tradução de Luciana de Oliveira da Rocha. 2ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.
- DELORS, J. et al. **Educação: um tesouro a descobrir: relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI**. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 1998. Disponível em: http://dhnet.org.br/dados/relatorios/a_pdf/r_unesco_educ_tesouro_descobrir.pdf. Acesso em: 06 de nov. 2021.
- FIORINDO, P. P. Revista Pandora Brasil Nº 47 - Outubro de 2012 - ISSN 2175-3318 pp 1-8 "O ethos nos estudos discursivos da ciência da linguagem."
http://revistapandorabrasil.com/revista_pandora/ethos/priscila.pdf
- GERALDI, J. W. Escrita, uso da escrita e avaliação. In: GERALDI, J. W et al (orgs.). **O texto na sala de aula**. 1. ed. São Paulo: Anglo: 2012.
- GARCIA, D. N. M. **Perspectivas educacionais e novas demandas: contribuições da telecolaboração**. Marília: Cultura Acadêmica, 2020.
- KALANTZIS, M.; COPE, B.; PINHEIRO, P. **Letramentos**. Tradução de Petrilson Pinheiro. Campinas: Editora da Unicamp, 2020.
- KENSKI, V. M. **Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação**. Campinas: Papyrus, 2007.
- KLEIMAN, A. O processo de aculturação pela escrita: ensino de forma ou aprendizagem da função? In: KLEIMAN, A. B.; SIGNORINI, I. (org.). **O ensino e a formação do professor: alfabetização de jovens e adultos**. Porto Alegre: Artes Médicas do Sul, 2000.
- LÉVY, P. **As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na Era da Informática**. 13. ed. São Paulo: Editora 34, 1993.
- LIMA, T. C. S; MIOTO, R. C. T. Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. **Rev. Katál**. Florianópolis v. 10 n. esp. p. 37-45, 2007.
- KLEIMAN, Angela B. O processo de aculturação pela escrita: ensino da forma ou aprendizagem da função? In: KLEIMAN, Angela B.; SIGNORINI, I. (Orgs.) **O ensino e a formação do professor. Alfabetização de jovens e adultos**. Porto Alegre: Artmed, 2000. 248 p. p. 223-243.
- RIBEIRO, A. E. Letramento digital: um tema em gêneros efêmeros. **ABRALIN**, v. 8, n. 1, p. 15-38, 2009. Disponível em: <https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/1002>. Acesso em: 08 out. 2021.
- ROJO, R.; MOURA, E. **Letramentos, mídias e linguagens**. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2019.
- SOARES, M. **Letramento: um tema em três gêneros**. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.